

Companhias formam movimento por eleições e transformação do trabalho

Gigantes como Petrobras, GPA, EDP e Cielo assinam pacto para garantir inovação no centro de debate eleitoral; proteger postos de trabalho durante “revolução digital” também está no radar

HENRIQUE JULIÃO • SÃO PAULO

Inserir a economia digital na agenda do próximo presidente da República e garantir uma transformação “humanizada” de postos de trabalho frente o avanço tecnológico são os dois principais objetivos do Movimento Brasil Digital – cujo lançamento ontem (02) reuniu 26 empresas de diversos setores.

Entre as signatárias do acordo figuram grandes companhias como Petrobras, GPA, Gol, EDP, Cielo, Microsoft e IBM, além de consultorias, hospitais e grupos educacionais ou de mídia que juntos somam mais de 500 mil funcionários.

“Uma das coisas que devemos insistir muito nas conversas com presidentiáveis é que tratar apenas temas importantes no curto prazo [não é suficiente].

Também precisamos trabalhar na inserção do Brasil no mundo novo da quarta revolução digital”, afirmou o presidente do Movimento Brasil Digital, Silvio Genesini.

De acordo com a liderança, “uma agenda cheia” de encontros com presidentiáveis está marcada para os próximos trinta dias.

Durante os encontros serão apresentados dados de estudo realizado pela Fundação Dom Cabral (FDC) que compara as políticas públicas para o ambiente digital do Brasil com as de outros oito países.

O material servirá de subsídio para demandas relacionadas a infraestrutura, educação, empreendedorismo e inclusão digital.

“É uma jornada até 2025”, resumiu o líder do comitê executivo do movimento, Adelson de Sousa.

INFORME

Humanização

Ao DCI, Sousa explicou que a criação do recém-formado movimento é fruto de fusão entre duas iniciativas: uma delas já buscava interlocução entre o setor de TI e governo. Já a segunda – até então liderada pela EDP e pelas consultorias EY e Korn Ferry, além da FIAP – reunia uma série de players comprometidos com dez princípios que protejam funcionários durante a transformação da força de trabalho gerada pela digitalização.

“É uma espécie de autorregulação”, descreveu o vice-presidente da EDP, Henrique Freire; entre as diretrizes – agora transportadas para o Movimento Brasil Digital – estão o comprometimento com a transparência e a capacitação. “Há quem diga que a digitalização vai acarretar redução [dos postos de trabalho], quem ache que vai ser ‘elas por elas’, e também os otimistas, que acreditam na criação de mais empregos. De qualquer forma, temos que cuidar desse conjunto de pessoas [afetadas]”, sintetizou o executivo da EDP.

“Como determinadas funções vão deixar de existir, o que podemos fazer é nos antecipar e evitar problemas futuros, garantindo que o indivíduo que perca o emprego tenha empregabilidade em outras tarefas”, completou o vice-presidente de desenvolvimento organizacional da Cielo, Sérgio Saraiva.

“Somando todas as empresas [signatárias do movimento], temos mais de 500 mil funcionários”, prosseguiu Saraiva. “Se a ideia é mudar o Brasil, já temos um *pipeline* de pessoas que poderiam ser formadas dentro das nossas próprias empresas. Seria um bom modelo para replicar.”

Segundo ele, “a força de trabalho de hoje terá que mudar suas habilidades” no mesmo passo que as companhias. Como exemplo, o executivo da Cielo citou o segmento industrial – onde a comunicação máquina-a-máquina (M2M) vai eliminar uma série de postos ao mesmo tempo que cria demandas por profissionais que lidam com software.

Na EDP, Freire relata que a digitalização de processos já está em curso, sobretudo no setor administrativo. “Há quase 70 processos repetitivos que hoje já são feitos por robôs. [A adoção da tecnologia] não necessariamente cria redução de funcionários, mas perturba as áreas e obriga elas a pensar.” Adicionalmente, a companhia criou um centro de excelência que mapeia atividades passíveis de robotização, capacitando profissionais de antemão para tais postos.

(Fonte: DCI – 03/08/2018)

2